

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

21 DE MARÇO DE 2012 - ANO XXI - EDIÇÃO ESPECIAL - QUINZENAL GRATUITO
DIRETOR CAMILO SOLDADO - EDITORES-EXECUTIVOS INÊS AMADO DA SILVA E JOÃO GASPAR

acabra

JORNAL UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

dia do estu- dante

Edição Especial • 50 Anos

a unidade de hoje pela união de amanhã

50 anos depois, um associativismo sem memória



A primeira página desta edição especial - 50 anos do Dia do Estudante, é baseada neste cartaz, alusivo às comemorações do mesmo dia há cinco décadas.

Todas as imagens e fotografias utilizadas na edição foram cedidas pelo Museu Académico e por Artur Pinto, Jacinto Rodrigues e José Augusto Rocha. O Jornal A CABRA deixa o seu agradecimento por toda a disponibilidade.

A 50 anos de distância de 1962, as comparações daquela época com o presente do movimento associativo e do ensino superior são tentadoras – fruto, quem sabe, de um certo saudosismo da influência que os estudantes já representaram e de uma curiosidade em posicionar acontecimentos daquela força no presente. Naqueles tempos, qualquer empurrão foi um bom motivo para lutar por um regime democrático.

Um caminho feito de pequenos passos, alguns ingénuos, com recuos, mas pautados por uma vontade vigorosa de inventar um país livre. Tendo razão, há que ir em frente – seria a força motriz de muitos que, mesmo sob ameaças de prisão, mobilização para a Guerra Colonial ou expulsão das universidades – cenários impensáveis nos dias que correm – podiam fazê-los tremer, mas não caíam.

A Academia, a partir de 1960, com a direção de Carlos Candal, toma uma posição proativa, dinâmica e que criaria as bases para uma consciencialização das massas estudantis. As atividades culturais enchiam, os debates e tertúlias moviam discussões acesas e a Assembleia Magna ganhava uma pujança que há muito se perdeu.

Pela força de muitos como aqueles que esta edição faz questão de lembrar, Portugal rompeu com as doutrinas políticas e culturais: pela força daquela que foi “a unidade de hoje pela união de amanhã”. E os que antes foram cidadãos insurretos são hoje memórias vivas de história e parte integrante da vida cultural e política portuguesa. Também a universidade se tornou parte dialogante e criativa do espaço democrático, muito pela persistência desta classe estudantil, que esteve na vanguarda e concretizou o peso da responsabilidade de mudar a sua universidade e o seu país.

A “união de amanhã”, que seria a de hoje, aparece, no entanto, desfasada. Num universo de 23 mil estudantes na Universidade de Coimbra (UC), a Assembleia Magna não consegue sequer aproximar-se do número de participantes de há 50 anos, quando a UC tinha menos 78 por cento

“ Apesar da diferença de regimes e de contextos, o que se pede hoje não está longe do que era pedido ontem: a participação dos estudantes nos órgãos de gestão e um ensino superior universal e de livre acesso

de alunos inscritos – e, acima de tudo, quando o acesso ao ensino superior estava altamente vedado. Hoje, com um espectro muito mais alargado de oportunidades de participação, os estudantes quedam-se apáticos e a reivindicação por um ensino superior gratuito e de livre acesso (não sabemos até quando) mobilizam uma parte diminuta da massa estudantil. Se há 50 anos atrás se via uma sociedade amorfa, 50 anos passados e estão os estudantes mergulhados no marasmo.

Estarão as liberdades de expressão e de acesso à informação a cultivar o devido terreno para a construção da consciência crítica dos estudantes? Mesmo com notícias gratuitas à frente do ecrã, os estudantes de hoje demitem-se de participar da reivindicação dos seus direitos no espaço público e de integrar as secções da casa que, em 62, era tão queridas dos estudantes. Marcado por uma forte presença de juventudes partidárias, o associativismo de hoje preenche-se de cumplicidades e tricas políticas; vai-se deturpando e fazendo, na maioria das vezes, “ações simbólicas”, esse termo tão em voga na oratória dos dirigentes atuais. Será oportuno considerar, inclusive, se esta não é uma das ramificações da raiz do alheamento de tantos colegas.

Falta memória, conhecimento e responsabilidade para assegurar a continuidade de algo que tão arduamente foi conquistado. Deliberadas pelo Encontro Nacional de Direções Associativas (ENDA), as comemorações dos 50 anos do Dia do Estudante no Porto e em Coimbra vão buscar esse árido simbolismo das ações estudantis atuais. No dia 24, o significado da efeméride esvai-se e perde força. A escolha de Luísa Sobral para um dos concertos de comemorações afigura-se desconexa, desprovida de qualquer sentido de oportunidade. De lembrar a polémica em que ficou envolvido este último ENDA, marcado pelo abandono precoce de uma das associações participantes pelos atrasos injustificados na ordem de trabalhos, decorrentes, segundo a mesma associação, pela participação dos dirigentes em convívios e festas. Um gesto nada dignificante e que se apresenta no caminho do associativismo estudantil que não tem voz nem quer ter.

Apesar da diferença de regimes e de contextos, o que se pede hoje não está longe do que era pedido ontem: a participação dos estudantes nos órgãos de gestão e um ensino superior universal e de livre acesso. Mas o amorfismo parece vencer e as efemérides passam sem que ninguém as agarre com o significado que elas merecem. Ficam as palmas, as flores e uns obrigados cerimoniais. E depois? Há 50 anos houve quem resistisse. Hoje, parece que não estamos para aí virados.

A direção

a cabra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554
e-mail: acabra@gmail.com

Diretor Camilo Soldado Editores-Executivos Inês Amado da Silva, João Gaspar Editoras-Executivas Multimédia Ana Francisco, Catarina Gomes Editores Carlota Rebelo (Fotografia), Inês Balreira (Ensino Superior), Ana Duarte (Cultura), Fernando Sá Pessoa (Desporto), Ana Moraes (Cidade), Filipe Furtado (Ciência & Tecnologia), Liliana Cunha (País), Maria Garrido (Mundo) Paginação Carlota Rebelo, Inês Amado da Silva, João Miranda Publicidade João Gaspar 239821554; 917011120 Impressão FIG – Indústrias Gráficas, S.A.; Telefone. 239 499 922, Fax: 239 499 981, e-mail: fig@fig.pt Tiragem 4000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

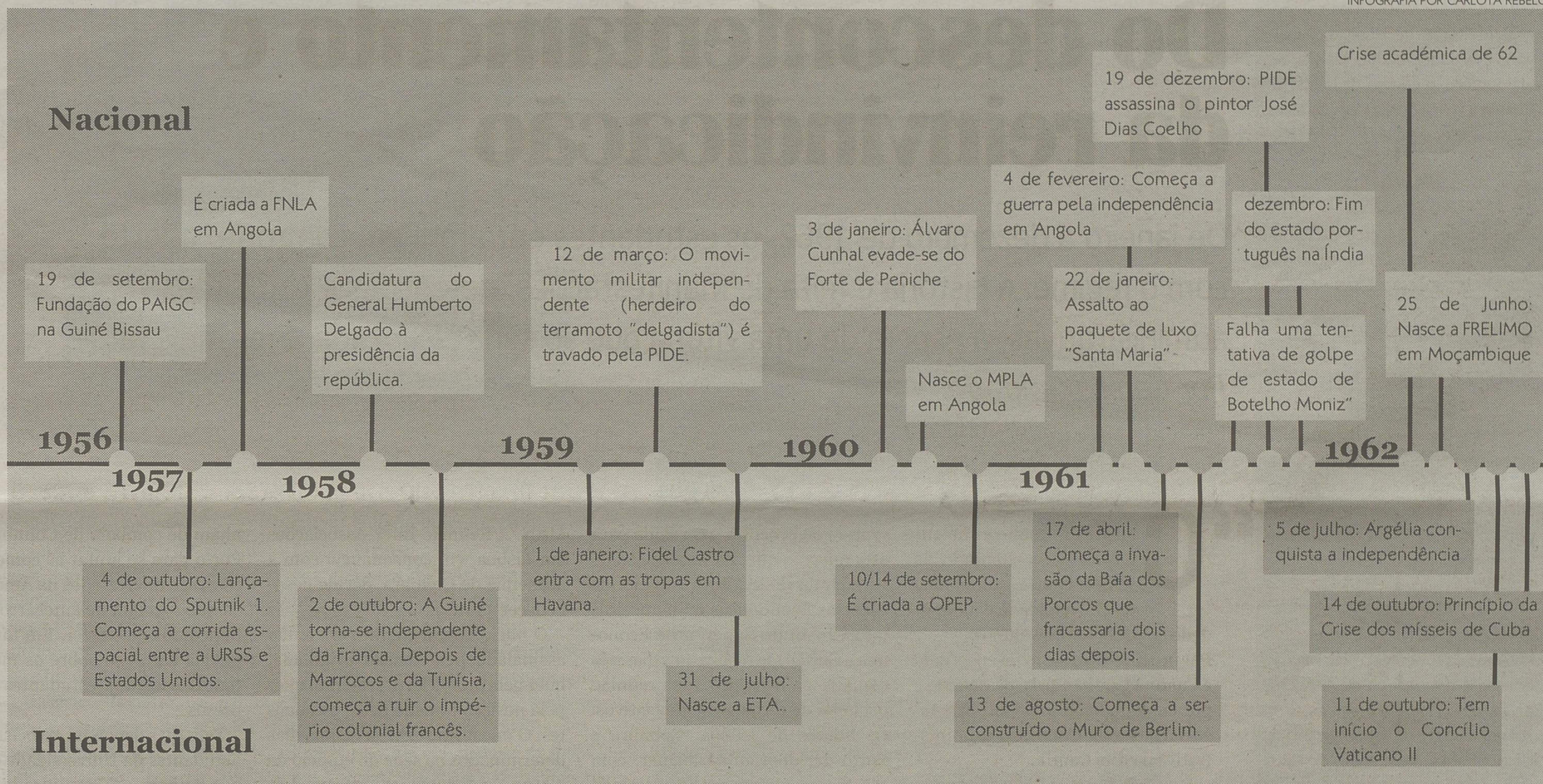


BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

O preâmbulo dos anos que abalaram o Estado Novo

Em 1956, a consciência estudantil foi despertada para, dois anos depois, ser reforçada pela candidatura de Humberto Delgado. O eclodir dos movimentos independentistas no Ultramar, com o consequente início da Guerra Colonial, agitou igualmente o regime. *Por Camilo Soldado*

INFOGRAFIA POR CARLOTA REBELO



Como qualquer acontecimento histórico é precedido por um conjunto de fatores que levam à sua inevitabilidade, a Crise Académica de 1962 é antecedida por um trilho de consciencialização e consequente contestação estudantil que levaram à sua realização.

O investigador do Centro de Estudos Sociais, Miguel Cardina, acredita que a crise académica tem que ser entendida como o culminar de um "processo de politização que vem percorrendo os meios estudantis desde finais dos anos 50 e que no início dos anos 60 tem vários marcos".

Regressemos ao final de 1956, quando foi publicado o decreto-lei 40 900 pelo governo de António Salazar. O decreto, que visava restringir as liberdades das associações académicas, impedir o trabalho interassociativo, e impor que as suas direções fossem aprovadas pela tutela, foi encarado como uma ameaça à autonomia dos organismos representativos dos estudantes. Na sequência, o descontentamento dos estudantes seria

exposto de forma pouco usual até então.

Em 56 começa a sentir-se uma maior inquietação

A luta desencadeada contra o decreto forçou a Assembleia Nacional a fazê-lo baixar à Câmara Corporativa, o que significou um recuo inédito nos intentos do regime. Nos cinco anos seguintes, as associações de estudantes viveriam um período de vazio legislativo que lhes permitiu consolidar e alargar a sua atividade.

Entre 1957 e 1962 "deram-se passos significativos na abertura política, cultural e moral do movimento associativo", explica Miguel Cardina. Depois do aparecimento do Círculo de Iniciação Teatral da Aca-

demia de Coimbra (CITAC) em 1954, o Coro Misto é criado em 1956 – os dois grupos têm em comum a sua diferenciação daquilo que era a matriz cultural do regime.

Em 1958 há um marco incontornável naquilo que seria a consciencialização política dos estudantes: a candidatura de Humberto Delgado à presidência da república. Por oposição ao candidato do regime, Américo Tomás, Humberto Delgado alcança o apoio de uma importante parte dos estudantes.

Este é apenas o início de uma sequência de eventos que iria abalar fortemente o regime. Entretanto, o império ultramarino francês começa a desmoronar-se. Primeiro, Marrocos e Tunísia em 1956, depois Guiné em 1958. Uma a uma, as colónias vão-se tornando independentes. No que diz respeito ao território além-mar português, começa a sentir-se uma maior inquietação. O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) é criado em 1956 e no ano seguinte nasce a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

Voltando a Portugal, em 1959, o Movimento Militar Independente é travado pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). No início da década de 60, Álvaro Cunhal foge da prisão de Peniche e, para se juntar à FNLA, nasce o Movimento Pela Libertação de Angola. Este seria o prólogo para o annus horribilis, 1961, para o regime.

1961, também o ano em que começaria a ser construído o Muro de Berlim, em plena Guerra Fria, seria um dos mais complicados anos para o governo de António Salazar. O ano começa com o célebre assalto ao paquete de luxo Santa Maria por parte do Diretório Revolucionário Ibérico de Libertação. Em fevereiro, estala a guerra pela independência em Angola, enquanto que em Portugal, Botelho Moniz falha uma tentativa de golpe de estado. O ano não acabaria sem acabar também o Estado português na Índia com a queda de Goa, Damão e Diu.

Para o investigador do CES, os eventos decorridos no ano de 1961 representam "um abalo terrível na imagem do regime" e lembra que "é um grande ano de luta estudan-

til mas também de luta operária".

No contexto estudantil, a eleição de Carlos Candal em 1960 para a direção-geral da Associação Académica de Coimbra representava também um avanço, uma vez que significava a vitória de uma lista de inspiração democrática. Como tal, também a orientação editorial da

1961 seria o annus horribilis para o regime

Via Latina, o órgão de comunicação da academia, sofreria alterações editoriais, como é prova a publicação de artigos como «Carta a uma jovem portuguesa». O caldo cultural que fermenta nesses anos irá culminar na Crise Académica de 1962.

1956

dezembro

Dia 12: é publicado o decreto-lei 40 900. Para conseguir a revogação realizam-se, em Lisboa, reuniões interassociações. Em Coimbra, no dia 15, os estudantes manifestam-se a favor da revogação.

1957

janeiro

Estudantes manifestam-se junto à Assembleia Nacional (AN) no dia 16. Enquanto protestavam, a polícia carrega sobre os estudantes. O 40 900 começa a ser debatido na AN.

1958

maio/junho

Os estudantes aderem às campanhas eleitorais de Humberto Delgado e Artindo Valente. Mais tarde, em outubro, o cortejo da latada de Coimbra viria a contar com cartazes antissalazaristas.

1960

maio

Proposta pelo Conselho de Repúblicas (CR), a lista de inspiração democrática presidida por Carlos Candal alcança a vitória nas eleições para a DG/AAC.

1961

fevereiro

Tem lugar o primeiro Encontro Nacional de Imprensa Universitária no dia 24. Comemora-se em Lisboa o dia do estudante. No dia 29, é publicado na Via Latina o artigo "Carta a uma jovem portuguesa".

maio

O professor da FLUC, Manuel Silva de Almeida é nomeado ministro da educação nacional no dia 4. A 13 é a vez de Guilherme Braga da Cruz ser nomeado reitor da Universidade de Coimbra, com o apoio do CR e Conselho de Veteranos.

outubro

Proposto pela direção cessante, Francisco Leal Paiva toma posse como presidente da DG/AAC no dia 31. Em novembro, Guilherme Braga da Cruz manifesta preocupação pelas orientações do jornal Via Latina e classifica a Assembleia Magna (AM) de "tribunal do povo".

novembro

No dia 25 celebra-se a Tomada da Bastilha em Coimbra com um colóquio sobre temas associativos. O decreto que aboliu a praxe é considerado "político" por conter disposições difamatórias para o Presidente da República, Américo Tomás. O Dux Veteranorum, Joaquim Cantante Garcia e mais 15 veteranos são detidos para serem libertados em fevereiro de 1962.

1962

fevereiro

Na AE do ISCEF nos dias 3 e 4, realiza-se uma reunião nacional de dirigentes associativos e criam, com carácter provisório, o Secretariado Nacional dos Estudantes Portugueses (SNEP). É ainda marcado o I Encontro Nacional de Estudantes (ENE) a realizar em Coimbra, de 9 a 11 de março.

março

Dia 2: O Ministério da Educação Nacional (MEN) proíbe a realização do I ENE. Dois dias depois, a DG/AAC envia uma exposição aos ministros da educação nacional e do interior sobre o programa e finalidades do encontro de estudantes.

março

A realização do I ENE em Coimbra é aprovada em AM no dia 8. Em Lisboa a RIA toma a mesma posição. Nos dias 9, 10 e 11, realiza-se então o I ENE na AAC, ao qual se articulam uma reunião nacional de dirigentes e o II Encontro de Imprensa Estudantil.

março

O ministro Lopes de Almeida inaugura a Biblioteca Geral da UC no dia 17. No pátio da FLUC, manifesta-se um grupo de estudantes que solicita uma entrevista com o ministro. Lopes de Almeida promete satisfazer as reivindicações dos estudantes.

março

No dia 24, Comemora-se o Dia do Estudante em Lisboa. A cidade universitária é ocupada com a polícia a carregar sobre os estudantes. São feitas algumas detenções.

Do descontentamento e da reivindicação

De janeiro a dezembro de 1962, os estudantes entraram em confronto aberto com o regime. A história é feita de manifestações, detenções e comissões administrativas, à espera de uma vitória que só seria alcançada anos mais tarde.

Por Camilo Soldado

Colega: Efectuou-se anteontem o maior atentado de sempre contra a autonomia da Universidade e a dignidade de professores e alunos.

Por ordem do Governo foi encerrada a Cantina Universitária, passando-se por cima do Senhor Reitor, das Associações e da Comissão Administrativa da dita Cantina.

Camiões da polícia, transportando centenas de polícias de choque, armados de pistolas metralhadoras, tomaram a Cidade Universitária. Tudo isto, para que lá se não realizassem os Colóquios e o jantar de confraternização do Dia do Estudante.

Este é apenas o início do texto do "Comunicado Zero" emitido pelas associações de estudantes da Universidade de Lisboa no dia 26 de março de 1962.

Para perceber o real contexto do comunicado, é necessário voltar atrás no tempo três meses, a janeiro de 1962. Neste mês, comemoram-se cinco anos das jornadas estudantis contra o decreto-lei 40 900, o que significa também igual período de tempo de vazio legislativo para as associações de estudantes (AE). É no

sentido de procurar uma saída para esta questão que, na Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (atual Instituto Superior de Economia e Gestão) se realiza, nos dias três e quatro de fevereiro, uma reunião nacional de dirigentes associativos. Os líderes de Lisboa, Coimbra e Porto decidem então formar, com carácter provisório, o Secretariado Nacional dos Estudantes Portugueses (SNEP) e na mesma reunião fica marcado o I Encontro Nacional de Estudantes (ENE) para os dias 9 e 11 de março.

A 2 de março, o comando da Polícia de Segurança Pública local notifica a Associação Académica de Coimbra que o Ministério da Educação Nacional (MEN) proíbe a realização do encontro para, apenas dois dias depois, a direção geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) enviar ao MEN e ao Ministério do Interior, um esclarecimento sobre o programa do I Encontro Nacional de Estudantes.

A realização do I ENE é aprovada na Assembleia Magna (AM) de 8 de março, ignorando a interdição do

MEN. A Reunião Inter-Associações em Lisboa, em consonância com a academia de Coimbra, decide desobedecer à tutela.

O início de um conflito era então assinalado pela tensão originada, quer pela proibição ministerial, quer pela posição tomada pelos estudantes. O encontro realizou-se nos dias determinados na sede do edifício da AAC e, sem surpresa, saíram dele propostas de democratização do ensino. Pela primeira vez, partem propostas do movimento associativo que punham em causa a política do regime.

Este pode ser considerado o primeiro momento de agitação académica em Coimbra, enquanto que, em Lisboa, este momento aconteceu no dia 24 de março, com a proibição das comemorações do Dia do Estudante. Comemorações essas que, apesar de moderadas (para as quais o ministro da educação nacional Lopes de Almeida tinha sido convidado), serão também proibidas no dia 23.

Já no dia 24, em Lisboa, a cidade universitária acorda cercada por um forte contingente policial. A cantina é encerrada e os estudantes que vi-

nham de comboio de Coimbra e do Porto para se juntar às comemorações, são intercetados na Amadora e os que seguiam de autocarro foram impedidos de o fazer. Em Lisboa, a polícia carregou sobre os manifestantes e alguns estudantes foram presos.

Dois dias depois as Associações de Estudantes da Universidade de Lisboa emitem o "Comunicado Zero". Nesse mesmo dia, a DG/AAC encontra-se com o reitor da Universidade de Coimbra, Braga da Cruz, para manifestar o seu desagrado com a ação governamental no Dia do Estudante e com a prisão de alguns estudantes. É também no dia 26 de março que, em AM, é decretado o luto académico e greve às aulas.

Entretanto, a Polícia Judiciária instaura um processo à DG/AAC, na sequência do I Encontro Nacional de Estudantes e pouco depois o órgão de comunicação da AAC, a Via Latina, é suspenso.

Consequências

Apesar de, no dia 28, o MEN prometer a realização do Dia do Estudante e a libertação dos presos, no dia 5,

A CRISE EM DATAS



outubro

Inocêncio Galvão Teles toma posse como Ministro da Educação Nacional no dia 4. Dois dias depois a DG/AAC vai a julgamento, acusada de desobediência às autoridades quando realizou o I ENE.

outubro

É publicado, no dia 15, o decreto-lei número 44 632, que reedita muitos dos aspetos consignados no 40 900. O secretário-geral da RIA, José Medeiros Ferreira, é preso.

agosto

Decorre, em Coimbra, uma série de prisões de estudantes contestatários desencadeada pela PIDE.

maio

A AAC e o Sporting defrontam-se em Coimbra no dia 20, em jogo a contar para o Campeonato. A maioria dos estudantes apresenta-se nas bancadas com os estandartes sportinguistas em protesto contra a comissão administrativa à imposta à Secção de Futebol. A polícia de choque carrega sobre alguns estudantes à saída do estádio.

maio

No dia 12 é adiado o jogo de futebol entre a Académica e o Beira-Mar. As equipas de rugby, volley e basquete da AAC comunicam a desistência dos respetivos campeonatos. Menos de uma semana depois é imposta uma comissão administrativa à Secção de Futebol da AAC, presidida agora por um militar.

maio

A não realização da Queima das Fitas e a retirada da AAC do Campeonato Nacional de Futebol é decidida pelos estudantes no dia 8. No dia seguinte, reunidos em plenário aprovam a ocupação permanente da AAC. Na sequência, a polícia ocupa as principais artérias da alta e cerca a AAC no dia 10. Nesse dia, estudantes de Lisboa ocupam as instalações da cantina universitária a fazer greve de fome.

maio

No dia 7, é suspensa a DG/AAC e dissolvida a AM, por portaria do MEN. No mesmo diploma está previsto a formação de uma comissão administrativa constituída pelos presidentes da AM, do Conselho Feminino e da Secção de Futebol. Reunidos em plenário de urgência, os estudantes decidem organizar uma marcha desde a Porta Férrea até ao Governo Civil.

maio

Estudantes de várias universidades participam nas manifestações do 1º de Maio em Lisboa. No dia anterior, as associações de estudantes de Lisboa suspendem o luto académico para se demarcar a reivindicação associativa das manifestações do dia do trabalhador. No dia quatro, o luto é reposto.

abril

Reunidos em AM, os estudantes de Coimbra pedem a demissão do reitor Braga da Cruz e decidem enviar um voto de louvor a Marcelo Caetano. Também ficou decidida uma manifestação contra o reitor da UC. A manifestação decorreu dias depois no pátio da UC em simultâneo com uma demonstração de apoio de estudantes de direita e ligados ao Centro Académico de Democracia Cristã a Braga da Cruz. Registam-se alguns confrontos físicos.

abril

O ministro da educação nacional decide, no dia 5, nova proibição do dia do estudante. O reitor da Universidade de Lisboa, Marcelo Caetano, demite-se. No dia seguinte, os estudantes manifestam-se nas ruas de Lisboa, em direção à sede do MEN. A polícia volta a reprimir o protesto e os estudantes declaram novamente luto académico.

março

No final de março, a Polícia Judiciária instaura um processo à DG/AAC no seguimento do I ENE. O órgão de informação da academia, Via Latina, é suspenso.

março

A 26, na AM, os estudantes decretam luto académico e greve às aulas. Também em Coimbra, alguns que distribuíam comunicados referentes ao dia do estudante são detidos. Dois dias depois, o MEN promete a realização do Dia do Estudante e a libertação dos presos. Na sequência, os estudantes das três academias suspendem o luto.



voltou atrás com a palavra.

Por considerar que a decisão do Ministério do Interior de enviar forças policiais para a Cidade Universitária, sem avisar a reitoria, um ato de desconsideração pela sua autonomia, o reitor da Universidade de Lisboa, Marcelo Caetano, envia o pedido de demissão ao ministro Lopes de Almeida no dia cinco de abril.

Se, em 1961, a nomeação de Guilherme Braga da Cruz para reitor da UC tinha sido apoiada pelos estudantes, passava-se exatamente o contrário em abril de 1962, quando na Assembleia Magna, a academia de Coimbra pediu a demissão do reitor da UC e aprovou um voto de louvor a Marcelo Caetano. As manifestações do dia do trabalhador não contaram com o apoio das associações de estudantes: no dia 30 de abril, as AE suspendem o luto académico, para se demarcarem da conotação ideológica do primeiro de maio mas, apesar disso, estudantes provenientes de todo o país incorporam-se nas celebrações do dia em Lisboa.

No dia 7 de maio é publicada no

Diário da República uma portaria do MEN que prevê a suspensão dos corpos gerentes da AAC e lhe impõe uma comissão administrativa, o que é entendido como uma tentativa de imobilização da academia coimbrã.

O mês de maio é marcado por forte contestação. Depois da decisão da não realização da Queima das Fitas e retirada das equipas de futebol, voleibol, basquete e rãguebi dos respetivos campeonatos, é imposta uma comissão administrativa à Secção de Futebol da AAC. É também no mês de maio que os estudantes ocupam o edifício sede da AAC duas vezes, com a polícia a ocupar as principais artérias da cidade e a carregar sobre os estudantes.

Finalmente, em meados de outubro, a questão do vazio legal deixa de se colocar, com o surgimento do decreto-lei 44 632. Estando a ser elaborado desde maio, o documento passou pelos governos das universidades com alterações minúsculas à sua génese, o que se justifica pela falta de representação dos estudantes nesses órgãos. O novo decreto reedita muitos dos aspetos consignados no número 40 600.



*Este texto foi redigido com base nos comunicados das Associações de Estudantes da Universidade de Lisboa (emitidos no período entre 26 de março e 3 de julho de 1962) e nos livros "Movimento Estudantil e Crise do Estado Novo" de Álvaro Garrido e "A Universidade e o Estado Novo" de Luís Reis Torgal.

DESENHAR A LIBERDADE NUMA CELA DE CAXIAS

Em 62, os estudantes disseram que não ao regime, vaiaram o reitor e ainda se barricaram por duas vezes no Palácio dos Grilos. Esta é a história de gente que se fez candeia no meio da desgraça. *Por João Gaspar*



Quatro da manhã e o ambiente na sala é tenso. O receio espalha-se pelos olhos dos presentes e não há espaço para muitas falas. Os colegas que manifestavam apoio ao cerco na rua já haviam sido dispersados brutalmente pela polícia.

Vão espreitando à janela. Lá fora, já conseguem ver as carrinhas da PSP. O cerco aperta-se e as movimentações sugerem que a barricada vá ser arrombada. Reúnem-se todos na sala e sentam-se no chão à espera de ouvir o estrondo de cadeiras e mesas a cederem à entrada da polícia de choque. São uns gorilas, homens de negro dos pés à cabeça, de capacete, armados até aos dentes, e que aparecem em tantas histórias como

carrasco de rebeldias durante o Estado Novo.

O coração apressa-se e o estrondo ouve-se. A barricada é abatida pela força e os polícias de preto apressam-se a chegar à sala onde 150 estudantes estavam sentados. Num impulso repentino, imposto pelo medo do embate, meia dúzia de estudantes levanta-se e começa a cantar “A Portuguesa”. Todos os outros imitam o gesto. No meio, vozes tremelicam de tantos nervos. A polícia de choque hesita e fica sem saber o que fazer. Pára diante dos estudantes, de pé, a entoarem o hino nacional. O cântico acaba e os polícias começam a encaminhar os estudantes para fora do Palácio dos Grilos, que não oferecem resistência. Evita-se a pancada. O comandante da polícia, reconhecendo, entre os estudantes, Mário Silva, dirige-se a ele:

-Estão aqui todos?

-Sim, senhor comandante.

Mentia. Uns quantos tinham-se es-

capulado para o sótão. Mostram-se documentos e vai toda a gente em carrinhas para o quartel da Guarda Nacional Republicana, na Avenida Dias da Silva.

Os cerca de 150 estudantes fazem fila à espera de saber o que os espera. São identificados e revistados um por um. Tiram-se fotografias e impressões digitais. A certa altura, aparece o implacável inspector Sachetti, conhecido de tantos que lá estavam. Põe uma secretária e pede para que se faça uma fila com os estudantes. Fica à frente, a separar trigo de joio. Na secretária, rodeado de papéis com o carimbo da PIDE, Sachetti faz perguntas breves e curtas, num ar de satisfação. Finalizado o interrogatório, escolhe para que lado vai o estudante. Chega a vez de José Augusto Rocha, velho conhecido de Sachetti, de tantas vezes que foi exigir a libertação de colegas presos. Sachetti sorri em traços largos, tamanho era o ódio que tinha a José Augusto Rocha. Emanava a perfumes, como sempre. Um cheiro imundo. Impecavelmente ves-

tido, careca, cara redonda, sem pescoço, entroncado. Eis Sachetti e José Augusto Rocha, frente a frente. -Finalmente apanhei-o! – diz, triunfal.

José Augusto Rocha, não se intimida com Sachetti, que até já tinha prendido dois dos seus próprios sobrinhos.

-Veremos no futuro...

Nessa madrugada de 19 para 20 de Maio, vai na primeira carrinha para Caxias. Juntam-se a ele mais 38, enquanto quatro raparigas ficam presas na sede da PIDE em Coimbra. Os restantes estudantes saem, em liberdade.

Um abalo sem-medo

Não foi preciso 62 para José Augusto Rocha ganhar a consciência de que aquela liberdade tinha muito pouco disso mesmo. Na sua cabeça rodopiavam desde muito cedo os ensinamentos de António Sérgio. Ainda estudante liceal em Viseu, devorou os oito volumes de ensaios do filósofo

português. O neorrealismo português, de Manuel da Fonseca a Carlos de Oliveira, era também de leitura obrigatória. Percorrem-se livrarias à procura de obras escondidas, trocam-se depois à socapa, distribuem-se panfletos e ensaios franceses rodavam de dono. Os olhos perdem palas.

À sua frente e todos os dias, José Almeida,

estudante de liceu que mais tarde iria parar à Guerra Colonial, via um Portugal atrasado e sonolento, disciplinado pelos polícias, dominado pela igreja e pelos caciques do salazarismo. Hélder Costa, alentejano de Grândola, ganha consciência numa terra onde panfletos comunistas e movimentações clandestinas estão sempre presentes.

Também outros sentem esse Portugal no seio da família, marcados à nascença. Rui Namorado tinha como tio o poeta Joaquim Namorado, militante comunista e colaborador da revista Vértice. Mário Silva também já estava marcado. O seu pai, velho inimigo de Salazar, entrava em 1947 na lista de docentes e cientistas afastados das universidades portuguesas.

Mas, no cinzentismo mudo, vem em 58 um general sem-medo para abalar Portugal. Diz que demitiria Salazar se vencesse as presidenciais. O abalo sente-se nos estudantes. José Augusto Rocha logo se prontifica a apoiar Humberto Delgado. David Re-

TESTEMUNHOS

belo, de Medicina, perde-se na campanha e acaba o ano só com uma cadeira feita. Os estudantes rodeiam o general em campanha, colam cartazes e distribuem panfletos, eletrizados pelo sonho de um Portugal livre. Jacinto Rodrigues e João Rego, jovens do Porto, que já se atreviam em artigos de cariz social no jornal de liceu Elo, encontram um mar de gente a encher a cidade no dia em que Humberto Delgado fora ao Porto. No meio da multidão, João Rego, em euforia, perde o livro no meio da manifestação.

Academia de boca calada

Apesar do apoio da população, Humberto Delgado perde as eleições, forçadas pelo regime. O país começa a ganhar consciência e a aperceber-se de que é possível fazer frente ao Estado Novo. Mas em Coimbra, a resaca das presidenciais ainda não se faz ouvir. A Associação Académica mantém-se do lado do regime, as famílias republicanas contam-se pelos dedos das mãos e a atividade cultural é quase inexistente. Todavia, alguns jovens, alimentados pelo romantismo juvenil, já assobiam outras ideias, contrárias àquelas que o regime inculca.

O Palácio dos Grilos, edifício da associação, é um local quase morto. Aulas, passeios pela baixa, cinema, algumas tertúlias, café e pouco mais. Olhos no chão e boca calada. Uma Coimbra marcada pela tradição, onde os fados ainda pesam mais que Zeca Afonso ou Adriano Correia. A Balada de Outono já se canta, mas poucos a ouvem.

A esquerda tenta ganhar as eleições; contudo, as listas são politicamente muito marcadas. Eis que, em 1960, interrompe-se a hegemonia conservadora. O Conselho das Repúblicas convida José Belo Soares para se candidatar, que recusa, convencido de que era uma lista destinada a perder, apontando o nome de Carlos Candal. Convida-se Candal, tido como orador nato, de palavra cor-

Candal, orador nato, é convidado para a DG

tante e cerebral. Materializa-se a contestação que, até então, se fazia de cochichos e conversas informais. Florescem tertúlias, debates, colóquios, alimentados por novas secções culturais.

Um passo de mulher

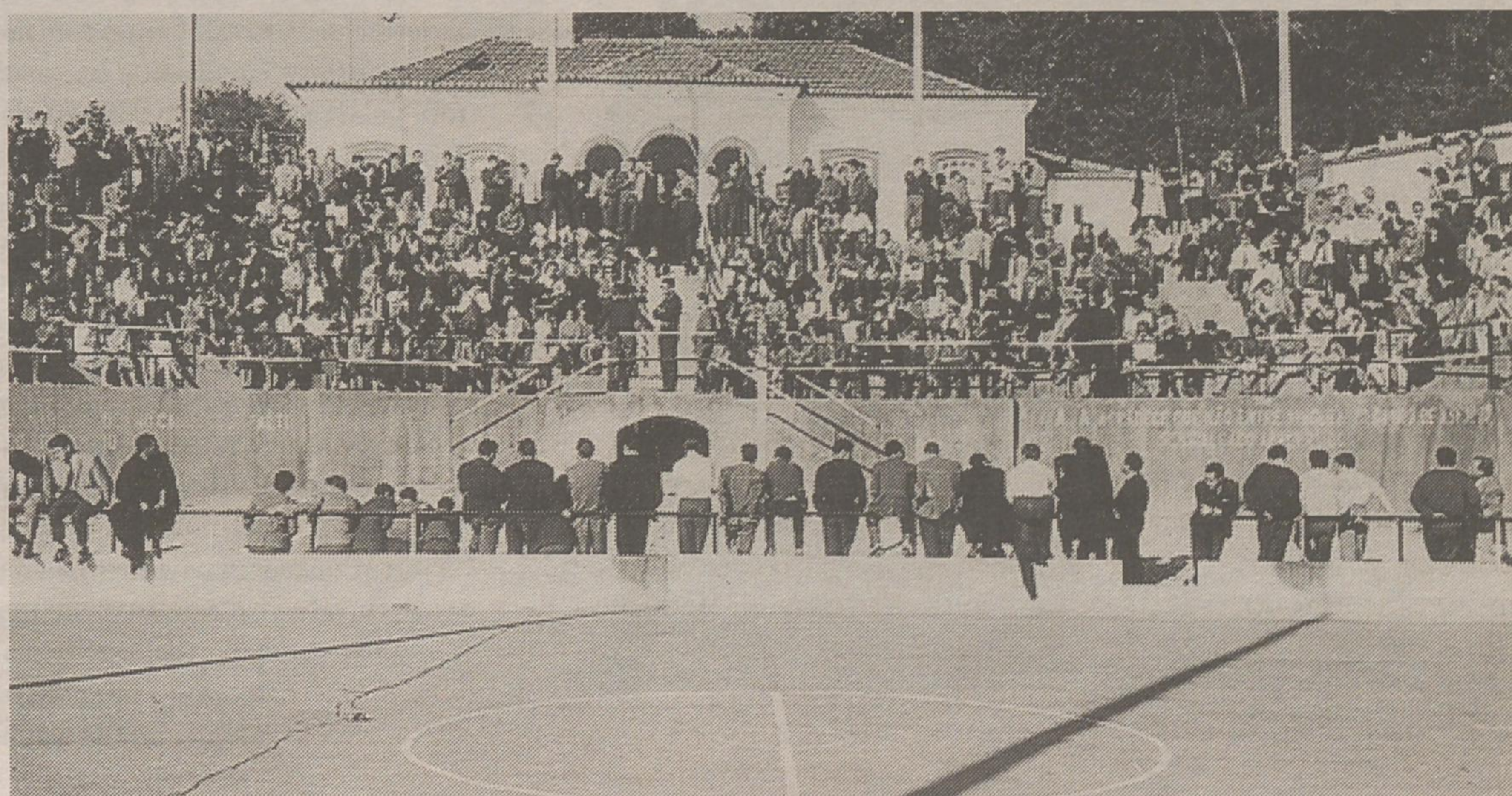
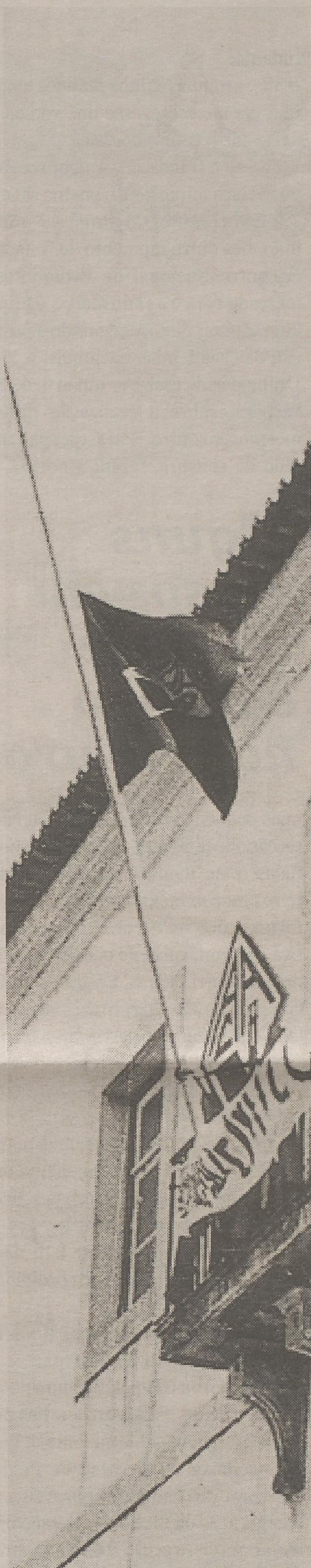
As mulheres ganham outra liberdade. Até então, o seu papel discreto e reservado quase que as fazia passar por

fantasmas. O controlo das freiras não as deixa a muito mais, assim como os olhares de uma sociedade machista e conservadora. Quase que silenciadas, vão despertando pelos seus próprios pés. Eliana Gersão é uma das que toma iniciativa. No bar de Letras, dá um passo dentro. Repara logo nos mirones constrangidos: são eles rapazes de Medicina e de Direito, que ocupam o bar para namoriscar com os olhos as meninas de Letras. Não era normal uma mulher entrar no bar. Continua, indiferente. Já no Conselho Feminino, a estudante rompe com a ideia da mulher doméstica. Acompanhada por Candal, vai aos lares pedir às freiras para deixarem as raparigas participarem nas atividades à noite. Lá conseguem que as raparigas saíssem em grupos de cinco ou mais, mas com a condição de voltarem logo assim que terminasse.

Já em 61 surge o primeiro convívio das três academias nacionais. Na manhã do rescaldo, Eliana Gersão, a sair de casa, vê a cidade coberta de panfletos anónimos a perguntar onde é que as raparigas das academias teriam dormido. “A Voz”, jornal colado ao regime, continua com as insinuações grotescas, a avisar as famílias dos comportamentos que as suas filhas teriam. A difamação resulta. Os pais intervêm e o Conselho Feminino fica dividido. Convoca-se Assembleia Magna. Eliana Gersão, perante duas mil pessoas, dirige-se ao púlpito. Magra, baixinha e meio atrapalhada no meio de tanta gente, deixa o nervosismo de lado e discursa em defesa das estudantes.

Entretanto rebenta a Guerra Colonial em África. O medo nos jovens estudantes de Coimbra faz-se sentir e desertar é palavra de ordem para alguns, sujeitos a um qualquer dia receber a carta de mobilização para a guerra.

“Senhor presidente/ devo dizer-lhe que a minha situação está tomada/ eu vou desertar”. Nas ruas alguns já assobiam a “Desérteur” do francês Boris Vian e os colegas africanos e indianos começam a desaparecer, a responder à Guerra de Libertação. Na Latada de 61, enquanto uns dizem “Salazar tem cancro. Coitado do cancro”, estudantes angolanos seguram num cartaz: “Angola é nossa” - a mesma frase que os jovens portugueses têm de gritar na recruta. Também a direção de 61/62 da academia sente na pele a Guerra do Ultramar. A lista proposta para suceder a Carlos Candal é encabeçada por José Almeida. Em Maio, numa terça-feira, ganham as eleições. Na sexta-feira seguinte, José Almeida recebe o guia de marcha para reincorporar a tropa, com vista à mobilização para a Guerra Colonial. Em Angola, debate-se perante o dilema de o empurrarem para lutar por uma causa que condena. A direção-geral fica sem presidente. Escolhe-se Jorge Aguiar. Acontece-lhe o mesmo fado.



Vem o nome de Francisco Paiva, que está isento do serviço militar por já ter ido às inspeções militares antes da guerra começar. Francisco Paiva assume a presidência da direção-geral, sem saber que no ano seguinte seria tempo de crise académica.

O Kremlin de Coimbra

No Mandarin, 'habitat' de muitos dos jovens de esquerda, as discussões são acesas e arrastam-se até às duas da manhã. Apelidado de Kremlin pelos de direita, os dois andares do café enchem-se de fumo e de conversas cruzadas. Apesar dos debates agressivos e das anedotas à volta de mais uma qualquer frase desconexa do presidente de Portugal, Américo Tomás, os olhos estão sempre atentos aos homens vestidos de forma suspeita, figurinos pidescos, de óculos escuros, que rondam o Mandarin à coca de frases menos ingénuas.

Dentro do café, alguns vão à casa de banho, para lançarem segredos abafados pelo som

do autoclismo, com medo de escutas.

No Mandarin agitado, folheia-se a semanal Via Latina, escrita e dirigida por estudantes e para estudantes. Avelãs Nunes era o diretor e José Carlos Vasconcelos o chefe de redação. Numa altura em que os jornais ou aparecem mudos ou a vociferar como marionetas salazaristas, as oito páginas da Via Latina insurgem-se como alternativa e esgotam facilmente, quer nas mãos do porteiro da associação, quer na sacola do ardina Teixeira, que anuncia com a sua voz rouca, na Praça da República, mais um número. Já em 62, na altura do assalto ao quartel de Beja, um grupo de estudantes pega nos jornais e diz-lhe:

-Ó Teixeira, pá, tu vendes isso, pá, é se tu disseses que isso traz uma entrevista com o Humberto Delgado!

Ele acata e começa a anunciar, de Via Latina na mão:

-Olhá Via Latina! Traz entrevista com o Delgado!

Muitos poemas e ensaios não saem da censura. Muita finta se tinha de fazer ao lápis azul, apesar de, em Coimbra, a censura ter na secretária um velho coronel, reformado, e que vê mal. Censura cega de corte ao metro. Para receber o carimbo de

aprovação da PIDE, escolhe-se um estudante de ar calminho e aprumado.

Numa dessas vezes, vai o César Oliveira, que, entre os artigos, tinha um poema seu com um grande sentido de intervenção. O coronel, que cortava em doses industriais, faz uma proposta ao es-

tudante:

-Sabe, a minha netinha faz anos amanhã. Se me escrevesse uns versos... deixo-lhe passar o poema.

Faz-se a transação. A neta recebe uns versos mimosos e o poema sai na Via Latina. Antes do jornal ser proibido, fica outro momento de finta. O Encontro Nacional de Estudantes, marcado para 9 a 11 de Março, é proibido. Apesar disso, e seguindo a posição das academias nacionais, a Via Latina decide escrever um artigo, de véspera, sobre a realização desse mesmo encontro. Para escapar ao olho da censura, fazem a notícia o

Alguns versos em troca de carimbo na censura

mais pequena possível e põem-na na secção Porta Férrea, destinada a notícias mais modestas. Óscar Monteiro, moçambicano, ar bem posto, foi ter com o velho coronel, na tentativa de o convencer de que eram tudo notícias corriqueiras. Dá-lhe as notícias para a mão e o coronel começa a ler. Óscar Monteiro desvia-lhe a atenção da secção Porta Férrea:

-Ó Coronel, já sabe como é, são as notícias habituais.

Passa. E com aquela pequena notícia fez-se toda a primeira página da Via Latina. O pessoal da censura fica furo e telefona para a redação:

-Vocês são uns vândalos! Isto não pode acontecer! Vamos-vos proibir o jornal!

José Carlos Vasconcelos, ainda a saborear a rasteira, argumenta:

-Mas ela foi visada pela censura.

Não vale de nada. Ainda antes de 24 de Março, dia do estudante, a Via Latina deixa de circular. A 13 de Março, a direção-geral aproveita a inauguração da Biblioteca Geral para tentar uma entrevista com o ministro da Educação Nacional, rejeitada anteriormente. 500 estudantes com faixas e cartazes começam a berrar lá fora palavras de ordem: "liberdade! Liberdade associativa!".

A gritaria continua, e na janela veem-se cabeças do regime espantadas. Entre elas, a do todo-poderoso Sachetti. O inspetor da PIDE vai ter com os estudantes e pede para a manifestação ser desconvocada.

José Augusto Rocha rejeita a desmobilização e exige um encontro com o ministro.

Conseguem a entrevista e o ministro compromete-se a satisfazer as reivindicações dos estudantes.

Contudo, no Dia do Es-

tudante, a conversa fica-se pelo fiado.

Centenas de estudantes que se querem dirigir a Lisboa no dia 24 veem a sua ação impedida pela polícia.

Autocarros, comboios e até alguns carros são impedidos de continuar o trajeto.

O atropelo e o comboio parado

José Augusto Rocha, António Tabor e Margarida Losa metem-se no Mini beije de David Rebelo, sabendo que nos outros transportes dificilmente chegavam a Lisboa. No Carregado, a polícia de trânsito manda parar o Mini, de matrícula TO-31-14. Falharam num ponto: iam de traje. A polícia ronda o carro à procura de qualquer coisa. David Rebelo salta do carro.

-Senhor guarda, porque é que estamos aqui parados?

-Então... estão parados porque... atropelaram um ciclista em Leiria.

Até na polícia se via que era mentira.

-Mas onde é que o carro está amolgado?

Sem resposta, a polícia anda à volta do carro e encontra um risco com ferrugem ao pé da roda traseira.

-Vê? Está aqui!

-Então mas isso já tem ferrugem. E na traseira...

Depois de três horas de frete acabam por deixar os estudantes seguirem caminho para Lisboa. Quando chegam, a manifestação já tinha sido dispersada pela polícia de choque. Também Rui Namorado, César Oliveira, Cabral Pinto e Jacinto Rodrigues não têm melhor sorte. Com os comboios para Lisboa intercetados, lembram-se de apanhar a carruagem da Linha do Oeste. Mais astutos, Rui Namorado e César Oliveira deixam a capa e batina em casa, e vão apanhar o comboio à futrica, juntamente com malta do Coral de Letras. Contudo, na Amadora, o comboio pára. Alguns passageiros estranham. O comboio não parava naquela estação. A espera alonga-se até que a polícia de choque entra na carruagem. "Todos os estudantes de Coimbra para fora do comboio". Cabral Pinto vê pela primeira vez uma metralhadora apontada ao seu peito. Jacinto Rodrigues, perante o aparato, ainda desafia um dos brutamontes:

-Então esse armamento é a sério ou é só para assustar a malta?

Não obtém resposta e o silêncio deixa arrepios nos estudantes. Ficam cercados os cerca de 60 estudantes pelo dobro de polícias. No meio da confusão, duas raparigas começam a desabafar, atrapalhadas e com medo. -Tenho gente à minha espera em Lisboa. Eu que nem ia ao Dia do Estudante, só ia aqui no comboio...

César Oliveira ouve-as e incita-as a reclamar. Aproxima-se do polícia mais próximo.

-Se não guarda, está aqui gente que não vem para o Dia do Estudante. Não é aceitável terem arrancado essas pessoas do comboio, que até têm gente à espera...

-Mas porque não disseram isso no comboio?

-Mandaram sair todos os estudantes de Coimbra! Não falaram em Dia do Estudante.

A polícia vai ter com o seu superior e arranja uma carrinha de caixa aberta, com bancos de madeira, para os levar para Lisboa. César e Rui, à civil, colam-se às duas raparigas e acabam por rumar a Lisboa. Às dez da noite eram deixados no Rossio. Os restantes estudantes são postos em carrinhas da GNR, aos empurrões. Dentro da carrinha fazem um festival de berros ao entoarem o "Canta, camarada, canta". A certa altura, conseguem parar num descampado com a desculpa da bexiga cheia. Alguém avisa os polícias:

-Senhor guarda, ou faço xixi ou morro.

Param num descampado, já com a noite caída. Rui Neves, um dos estudantes, avisa Cabral Pinto que não vai voltar. Calmamente e cheio de cautela vai-se afastando. Cabral Pinto nunca mais o viu.

Em maio, já depois da associação pedir a demissão do reitor Guilherme

"Senhor guarda, ou faço xixi ou morro!"

Braga da Cruz, as instalações da associação são encerradas. No dia 7, quatro mil estudantes saem do Palácio dos Grilos e dirigem-se ao Governo Civil. José Augusto Rocha vai à cabeça da manifestação, ainda estupefacto com tanta gente mobilizada. Na rua Alexandre Herculano, José Augusto Rocha vê que atrás das árvores da praça e para os lados do Jardim da Sereia encontravam-se polícias armados. A manifestação pára e toda a gente se senta no chão. José teme um confronto. Vai ter com o comandante e diz que a única solução é uma reunião com o governador civil. Estudantes sugerem que se avance; outros, mais moderados, pedem uma negociação. José Au-



TESTEMUNHOS

gusto Rocha pesa os dois lados. Tinha vontade de avançar, mas todas aquelas metralhadoras ali à sua frente, a possibilidade de haver mortos... Acaba por fazer recuar e desmobilizar a manifestação. Conversa com o governador civil, mas entretanto os diálogos acabam.

A primeira ocupação

Decide-se, em Magna, ocupar o Palácio dos Grilos. Um grupo de estudantes arromba a porta da torre da universidade, e Alçada Baptista, todo cheio de genica, toca o sino a rebate. Ouve-se na cidade inteira a Cabra. Uns tratam de ocupar o palácio, outros mobilizam o pessoal, quer nas ruas, falando com os futricas, quer nas aulas, que interrompem para chamar os estudantes.

Dentro do velho edifício os estudantes reúnem-se, formam barricadas, recebem mantimentos vindos do muro que dava para o pátio interior. Lá dentro, Mário Silva pinta um mural onde se vê um estudante agarrado às grades de uma prisão, a olhar para o sol da liberdade. Alguns cumprem o programa de sono, outros entregam-se a utopias cheias de luz. Entre eles, há estudantes que, arrebatados com tamanha movimentação e impelidos pelo romantismo, chegam até a pensar, no vento que lhes passa, que o reitor se vai demitir ou até que o regime vai cair. De manhã, acordam com o sonho em ferida.

A polícia de choque rodeia o Palácio dos Grilos, e, por sua vez, uma onda de estudantes de todas as faculdades rodeia a polícia. Clima tenso. Dentro e fora do edifício. Eliana Gersão, cá fora, não pensa em abandonar os colegas. Ninguém pensa. Mantêm-se firmes, mesmo que o medo do confronto cirandasse nos seus pensamentos. Chegá uma comissão de professores para negociar com os estudantes. As chaves do edifício são entregues pela direção-geral à comissão a troco de algumas promessas. As Magnas passam a realizar-se no campo de Santa Cruz, mas quando é nomeada uma comissão administrativa para a Secção de Futebol, a decisão é tida como uma provocação do reitor Braga da Cruz.

Era preciso ocupar uma segunda vez o Palácio dos Grilos. Não se podia convocar a ocupação em Magna, que se corria o risco de encontrar a polícia no edifício quando lá chegassem. Então, Francisco Delgado, membro do CITAC, usa da sua voz forte, treinada pelo teatro, e lança-se aos estudantes:

-Vamos todos ao assalto à Bastilha! Vamos todos à Associação Académica!

Tem medo que ninguém o siga, mas quase duas centenas de estudantes respondem ao pedido. Num esticão estão lá, a correr que nem miúdos, prontos para a reocupação.

Jacinto Rodrigues e o seu colega Aidos atiram-se à porta. Vale o corpanzil de Aidos para a porta ceder. Rui Namorado, Luís Madeira e outros estão encarregues de tocar o sino a rebate. Chegam à torre e a porta está trancada com traves de madeira. Vão a umas obras que havia ali perto e pegam num barrote. Conseguem arrombar a porta e Luís Madeira sobe até ao topo, mas não sabe tocar o sino a rebate. Malograda a tentativa, descem e veem já a polícia a cercar a frente do Palácio dos Grilos. Encontram maneira de descer por uma escada para a sede da AAC. Mas a ocupação acaba com a ida dos 39 para Caxias, numa madrugada fria. A eles junta-se, dias depois, Mac Maon, presidente da Assembleia Magna. Ficam formados os 40 de Caxias.

A democracia em prisão

Presos, aprendem o significado de palavras que lhes estão tão longe. Lá dentro vivem, antecipadamente, um projeto embrionário de democracia direta, com rotativismo de tarefas, num espelho daquilo que desejam para o país. Impõem a sua própria liberdade. Surge o Ministro do Interior, do Exterior, das Limpezas, da Saúde, do Yoga, e Mac Maon a liderar os colegas, com a sua postura implacável, digna, cheia de alma. Em linguagem firme, defende os estudantes dos guardas prisionais. Cantam gritos de revolta, ouvem histórias que saíam de outras celas. Histórias de mineiros de Aljustrel, que lhes ensinam cantares de gente amordaçada.

Uns vão saindo e trazendo novidades de fora. Jacinto Rodrigues manda um postal para os que ainda estão dentro de Caxias. "Está um sol quente. Mas eu tenho raiva em poder participar de uma coisa que vos é negada". No final do postal, diz que o mundo os acabaria por escutar.

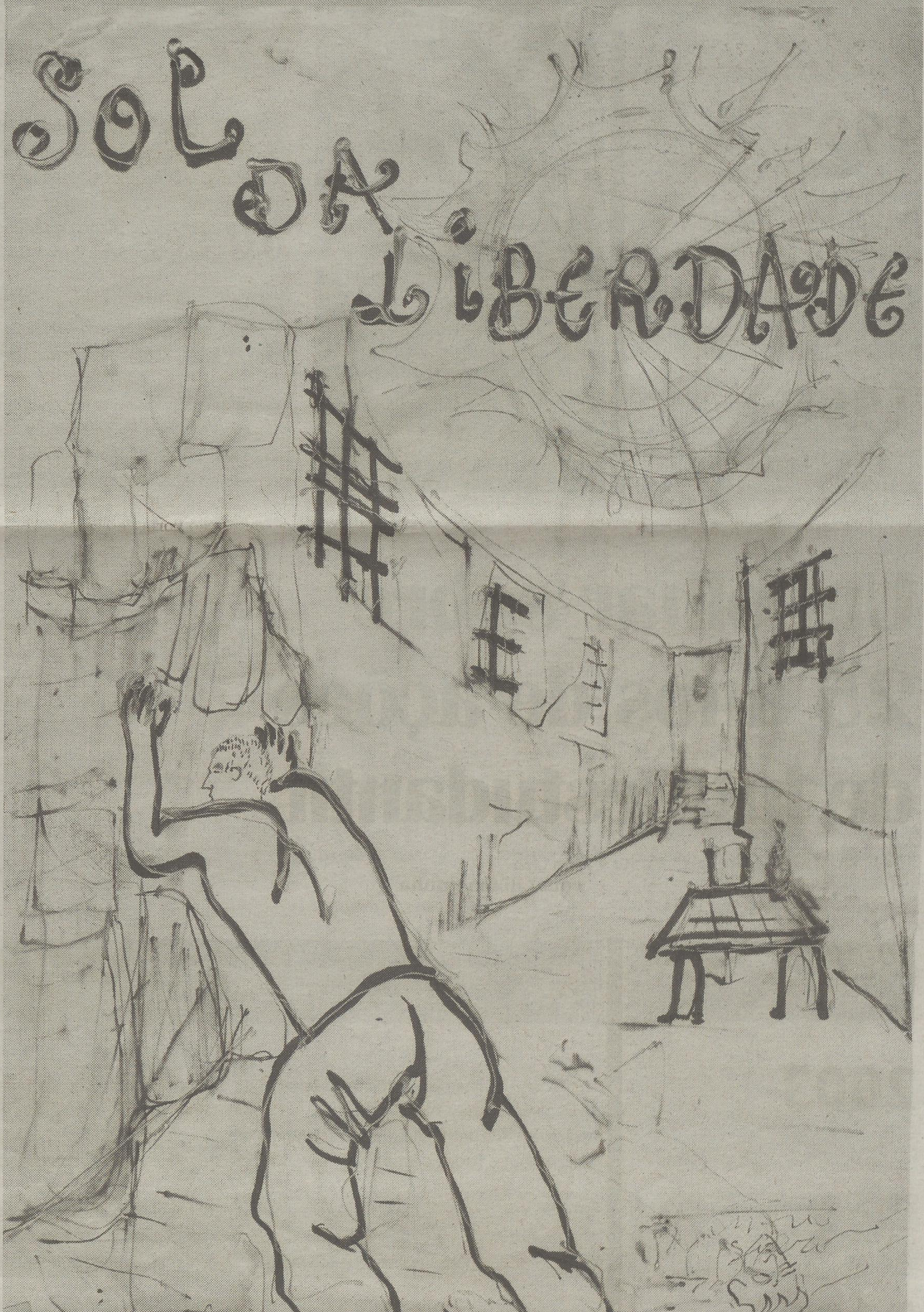
Passado um mês, com todos cá fora, reúnem-se em Coimbra, para um jantar com os 40 cachos e as quatro uvas, como diz a ementa desenhada por Mário Silva. No meio do alvoroço e de cantigas, Jacinto Rodrigues atira-se para cima da mesa de jantar e dança a kalinka, em jeito de troça por serem chamados de comunistas.

Seguem-se os processos disciplinares na universidade. O grupo já tinha combinado apenas reconhecer a assinatura e a recusar-se a prestar declarações. Chega a vez de Rui Namorado ir a interrogatório. Quando chega ao pátio da universidade encontra o seu pai, médico que tinha sido proibido de exercer a profissão em qualquer estabelecimento público. Dirige-se a ele e ouve as palavras que ainda hoje o fazem tremer.

-Filho, não tens que ceder em nada. Se fores expulso és expulso, mas nunca baixes a cabeça.

Nenhum baixou a cabeça.

Em Caxias impõem a sua própria liberdade. Surge o ministro do Interior, do Exterior, das Limpezas, da Saúde e do Yoga. Mac Maon lidera o grupo.



Esta reportagem foi escrita com base nos depoimentos de Artur Pinto, Cabral Pinto, David Madureira Rebelo, Eliana Gersão, Francisco Paiva, Hélder Costa, Jacinto Rodrigues, João Martins Rego, José Augusto Rocha, José Carlos Vasconcelos, José Lopes de Almeida, Judite Cortesão, Luís Lemos, Mário Silva, Mendonça Neves e Rui Namorado.

DECRETO - LEI N.º 400/88

1987

As sucessivas ações no dia 24 de março, desde 1962, resultaram na instituição, pela Assembleia da República (AR), de um dia para homenagear a luta estudantil. A partir de 1987, o dia do estudante passou a ser oficial. "A Lei número 19/87, de 1 de junho de 1987, veio consagrar o dia 24 de março como o dia nacional do estudante e atribuir ao governo a competência para regulamentar a atribuição dos apoios no âmbito das comemorações daquela data, bem como a instituição de um prémio anual de trabalhos escritos sobre a temática estudantil. O (...) diploma define as condições e formas de apoio (...), tendo em conta que a participação (...) dos estudantes, nas comemorações constitui uma das formas de dinamização e reforço do movimento associativo."

1988

1990

1991

1992

1994

1998



Estudantes do ISEC intensificam os seus protestos contra a integração do estabelecimento escolar no ensino politécnico. Contra uma política educativa que consideraram "pouco dignificante", manifestaram-se pelas ruas de Coimbra pacificamente. Também o ensino secundário fez greve por melhores condições na Escola Jaime Cortesão.

Com realização na escola secundária José Falcão, o plenário nacional de trabalhadores estudantes teve como principal objetivo analisar o estado do ensino noturno em Portugal. A participação da Federação Nacional das Associações de Trabalhadores Estudantes no Conselho Nacional de Educação foi outro dos temas abordados.

No Estádio Nacional do Jamor, onde dirigentes associativos de todo o país assistiram e participaram num jogo de futebol contra membros do governo, foi anunciado o estatuto de dirigentes associativos para estudantes. O regulamento, aprovado em Conselho de Ministros, permite que os estudantes usufruam de um regime especial de exames.

"Dormir na escola até que o governo acorde" foi a ação realizada pelos estudantes de enfermagem de Coimbra para reclamar a publicação de notas que estavam congeladas devido à greve de docentes. Sob vigilância policial, permaneceram na escola desde as 17h30. Também estudantes da universidade e do politécnico se juntaram para uma manifestação contra o aumento das propinas. A direção-geral (DG/AAC) visitou as repúblicas "Rapo-Taxo" e "Ay-Ô-Linda" no âmbito do plano de recuperação das repúblicas. Foi ainda inaugurada a escultura "Cogito" – uma mesa em mármore com livros –, de Pedro Cabrita Reis, em memória do dia do estudante, em frente ao Jardim Botânico.

A AAC participou numa ação em Lisboa com várias académicas do país, entregando ao presidente da AR, Barbosa de Melo, uma petição de revogação da lei das propinas. Exigiram ainda o alargamento da ação social escolar ao ES privado. Os estudantes do secundário, em greve, pediram a extinção das provas globais.

Uma iniciativa "inédita" da AAC marca este dia: 100 estudantes marcharam de Mafra a Lisboa em jeito de "peregrinação" contra a lei de financiamento do ES. Chegadas a Lisboa e juntando-se a várias associações do país rumaram à AR, partindo a seguir para uma campanha de rua. Também, a DG/AAC se associou aos alunos da escola primária da Adémia, num cortejo de "doutores e miúdos", em solidariedade com as crianças carenciadas.

Um olhar sobre 25 anos de ações de luta estudantil

Por Ana Duarte e Ana Morais
com Liliana Cunha

Entre manifestações, ações simbólicas e marchas de rua, o dia 24 de março ganhou relevo ao longo dos tempos.

As reivindicações foram várias e o objetivo permanece – um ES a que todos têm direito.

2000

Na véspera do dia do estudante, os alunos de sete universidades privadas pediram a demissão do ministro Guilherme Martins, por considerarem que o ensino privado estaria a ser discriminado. Este foi designado como "o dia do outro estudante". Cerca de 3000 estudantes do secundário manifestaram-se pelas principais artérias de Coimbra.

2003

A DG/AAC dinamizou uma meia maratona contra o aumento das propinas. Da Rua Ferreira Borges aos Jardins da AAC, os estudantes mostraram o seu descontentamento com as propinas e as condições das instalações das várias faculdades. Os universitários correram pela cidade, oferecendo flores à população. No dia 26 de março, a AAC dinamizou outra prova desportiva – pedalar durante três dias até Lisboa, na continuidade de ações de protesto.

2005

Associações de todo o país reuniram-se em Coimbra, para aprovação do "Livro Negro do ES", onde constam as más experiências de cada instituição do ES. Segundo o então presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves, não houve nenhuma iniciativa convocada porque se pretendia "mostrar que os estudantes não estão na rua por estar".

2006

Para contestar o Processo de Bolonha, os estudantes pretendiam fechar a Porta Férrea como forma de protesto. Contudo, o ex-reitor, Fernando Seabra Santos, com conhecimento prévio da ação, mandou colocar uma barra metálica entre as duas portas, boicotando a iniciativa dos estudantes. Na noite anterior, a AAC já havia participado numa vigília em frente à AR com o lema "Bolonha: elitização/mercantilização do ES. Porque vale a pena lutar".

2009

Após a implementação do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), o Conselho Geral da UC passa a contar apenas com cinco estudantes. Em forma de reivindicação, a DG/AAC promoveu o evento "Jogo das Cadeiras", para denotar a falta de paridade nos órgãos de gestão da universidade e a presença minoritária de alunos.

2011

A DG/AAC decidiu colocar na torre da Cabra quatro panos negros em forma de protesto, iniciativa que se repercutiu pelos vários polos da UC, com especial incidência no átrio das Químicas. Foi ainda promovido um boicote às aulas no mesmo dia. Por sua vez, o Conselho de Repúblicas protagonizou um acampamento no Largo da Porta Férrea, que tinha já trancado. Com a torre de luto e com salas vazias, termina o dia do estudante. No final do dia, realizou-se uma AM, em forma de balanço das atividades. Já o acampamento dos repúblicos foi só levantado no dia seguinte.





NOTA OFICIOSA

Quando a liberdade era por entrelinhas

Nos anos fortes do Estado Novo, através da censura, a imprensa camuflou habilmente a investida estudantil contra os pilares do regime. Enquanto a maioria dos jornais se dobrava perante Salazar, os estudantes encontravam nova força para multiplicar as publicações e espalhar a contestação. Por Inês Amado da Silva

Era o ano de 1961. No cortejo da Festa das Latas, em Coimbra, vários estudantes angolanos construíam uma dura ironia no desfile, ao exibirem faixas com a frase "Angola é nossa": era a revolta contra o colonialismo português e a Guerra do Ultramar a aliar-se à revolta estudantil. Aquele acontecimento não está registado em páginas de jornais da época - apenas as memórias individuais podem evocar imagens como esta, que se perderam dos registos.

Para as gerações do presente, será estranho imaginar uma sociedade em que o direito à liberdade de expressão está completamente vedado, bem como o da liberdade de acesso à informação - mas foi

distância crítica que o tempo permite, pode perceber-se, de forma clara, o quanto a imprensa não estava a informar sobre a verdade dos acontecimentos que agitavam a ditadura.

As páginas recheadas de acontecimentos internacionais, mesmo nos jornais regionais, desviavam as atenções da realidade política do país. Não raras vezes, escândalos de Hollywood e insólitos vindos do estrangeiro eram assunto de primeira página.

A imprensa sobre os acontecimentos em Coimbra

Quem folhear jornais da época, como o Diário de Coimbra (DC), poderá ter a perceção do nível de censura a que as publicações estavam expostas:

destaque nos órgãos de todo o país foi a suspensão da Queima das Fitas de Coimbra, sempre através das "notas oficiosas" enviadas pelo Estado. O postal que as tradições coimbrãs representavam era rasgado com o decreto do Luto Académico, e a indignação despertou além-fronteiras, chegando a jornais das "províncias ultramarinas". O jornal "Intransigente", de Benguela, Angola, apelida o acontecimento de "gesto estouvado de tantos que esquecem estas superiores realidades para, com atitudes impen-sadas, enfraquecerem a nossa mais que nunca indispensável coesão", no artigo "Quo Vadis, Conimbriga?".

A barricada dos estudantes no Palácio dos

COLEGA:
VÃO SER SUSPENSAS PELO GOVERNO AS DIRECÇÕES DAS
ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES.
É NECESSÁRIA A TUA PRESENÇA NA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA.
COMPARECE IMEDIATAMENTE! A ACADEMIA PRECISA DE TI.
A DIRECÇÃO GERAL

12 de maio, as várias publicações lisboetas noticiavam o evento, mas com o cunhonítido do Lápis Azul: todos os textos se assemelhavam entre si em vários parágrafos, numa espécie de mimetismo promovido pela censura que assegurava a versão do regime em todos os jornais. Exemplo é a forma como a violenta repressão policial que marcou aquele dia foi contada pelo Diário de Notícias: "o comandante Costa Veiga [da PSP], posto o que entrou no edifício e se dirigiu aos presentes, dizendo que, em vez de ordenar a prisão de todos pelos guardas, resolveu ele próprio convidá-los a segui-lo e a entrarem nos carros da polícia". A notícia dá ao leitor, inclusive, o julgamento de valor que deve fazer - "esta decisão do oficial foi acertada, começando todos a evacuar as salas onde se encontravam".

A atividade panfletária e os títulos universitários

Contrastando com o cenário restritivo da imprensa generalista, os títulos universitários e a atividade panfletária proliferavam. Em Lisboa, o jornal "Quadrante", coordenado pelos alunos da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, desagradou o ministério. "Sonhos de

ontem são hoje realidades", escrevia-se no primeiro editorial. Ainda que de número único, o jornal "Dia do Estudante" (imagem alusiva no cabeçalho da página), elaborado para o mesmo dia por alunos de Lisboa, seria um importante registo desta série de acontecimentos.

A que hoje é a revista "Via Latina", da Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra, era, à data, o Órgão da Associação Académica de Coimbra, ainda em formato de jornal. A 28 de fevereiro, a primeira página da Via Latina era preenchida pelo programa do Encontro Nacional de Estudantes. A "ousadia" e o apoio integral à causa dos estudantes valeria à publicação a suspensão até 1966.

Naquele tempo, dirigiam-na António José Avelãs Nunes, José Carlos Vasconcelos e Eliana Gersão, sendo Eduardo Batazda o diretor gráfico. A equipa que dirigia o jornal é um caso paradigmático dos maiores receios de Salazar: que os alunos que lutavam contra a repressão viessem, um dia, a integrar as elites culturais e políticas do país, algo que se consuma nestes nomes. O futuro confirmaria, assim, que a razão sempre havia estado do lado dos estudantes.

via latina

Órgão da associação académica de coimbra

director e editor: avelãs nunes | chefe de redacção: josé carlos de vasconcelos

secretário de redacção: eliana gersão

N.º 137 — 31-1-1962 (AVENÇA)

redacção e administração: palácio dos grilos

comp. e imp. na tip. da atlântida — coimbra

SOBRE O 40900

este o contexto que, há 50 anos atrás, envolveu todo o percurso dos estudantes que lutavam por coisas simples como a autonomia universitária. Eram os tempos de um salazarismo repressor, da censura, da repressão e da ditadura. "Este número foi visado pela comissão de censura" poderia bem ser a frase mais verdadeira que os jornais da época exibiam nas suas primeiras páginas.

Ao olhar-se para a imprensa portuguesa do início da década de 60 com a

sobre o I Encontro Nacional de Estudantes, em Coimbra, por exemplo, não se encontrará qualquer vestígio. As menções que podem descobrir-se na imprensa referentes aos acontecimentos que envolveram o Dia do Estudante são, em grande maioria, constituídas pelas "notas oficiosas" enviadas pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI) às redações, por interposto do Ministério da Educação Nacional.

Neste âmbito, o acontecimento que mais mereceu

Grilos e toda a repressão policial que a envolveu nem espreitou as páginas dos jornais - apenas teve lugar, na primeira página do DC a 19 de maio, a publicação do decreto que vinha estabelecer penas "a estudantes arguidos em processo disciplinar".

A imprensa sobre os acontecimentos em Lisboa

Nos protestos em Lisboa, no dia 10 de maio, eram presos 1500 estudantes que ocupavam a cantina da Cidade Universitária da Universidade de Lisboa. A

**ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**



Redacção:
Secção de Jornalismo
Associação Académica de Coimbra
Rua Padre António Vieira
3000 Coimbra
Telf: 239 82 15 54

Fax: 239 82 15 54
e-mail: acabra@gmail.com

Concepção e Produção:
Secção de Jornalismo da Associação
Académica de Coimbra

Mais informação disponível em

acabra.net

Dia 24 de março assinalado com iniciativas de cariz cultural

O movimento associativo estudantil vai comemorar o cinquentenário do Dia do Estudante, à semelhança de anos anteriores, com ações distintas nos próximos dias 23 e 24 de março, em Lisboa, Porto e Coimbra. Para além do caráter cultural das iniciativas, há espaço para reivindicar. *Por Inês Balreira*

No próximo dia 24 de março cumprem-se 50 anos sobre a proibição do Dia do Estudante, marco que deu origem à crise académica de 1962. Este ano, para assinalar o cinquentenário, o movimento associativo estudantil está a organizar um programa de dois dias com atividades distintas no Porto e em Coimbra. Paralelamente, a Universidade de Lisboa vai também assinalar a data com uma série de iniciativas agendadas para o próximo sábado.

Encarregue das comemorações no Porto e em Coimbra está uma comissão criada especificamente para a ocasião, definida em sede do Encontro Nacional de Direções Associativas (ENDA), composta por oito associações de estudantes.

As iniciativas agendadas para o Porto, no dia 23, sexta-feira, consistem numa tertúlia, intitulada "Ser estudante ontem, hoje e amanhã", onde vão estar presentes Eurico Figueiredo, dirigente académico de 62, Alberto Martins, dirigente académico de 69 e ainda dirigentes académicos em funções. No dia seguinte, sábado, as comemorações decorrem em Coimbra, com uma iniciativa de cariz cultural, intitulada "Cultura de estudante", onde vão atuar vários grupos das diversas academias do país e ainda a cantora Luísa Sobral. Esta atividade terá, segundo os dirigentes, cariz reivindicativo. Neste mesmo dia vai ser lançado o selo comemorativo dos 50 anos do Dia do Estudante.

Relativamente às iniciativas do dia 23, o presidente da Federação Académica do Porto (FAP), Luís Rebelo, ex-

plica que o objetivo "é fazer uma retrospectiva histórica do que é ser estudante e do que foi ser estudante em 62". "A tertúlia vai funcionar um pouco como memória histórica que, infelizmente, se tende a perder", afirma o dirigente. Quanto à iniciativa cultural agendada para Coimbra, Luís Rebelo diz ser uma maneira de "mostrar a diversidade cultural dos diversos grupos académicos de todo o país e o que se faz nas academias". As palavras do presidente da direção-

"Uma mensagem clara: o direito a um futuro"

geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Ricardo Morgado, vão ao encontro das do presidente da FAP: "a cultura é algo que está inerente ao estudante e, sendo este o dia do estudante, não se poderia deixar de assinalar esta data sem uma atividade cultural".

Tendo este segundo dia também um caráter reivindicativo, para além de cultural, Ricardo Morgado é perentório ao afirmar que os estudantes querem "passar uma mensagem clara: o direito a um futuro". O presidente da DG/AAC aclara que nesta mensagem se enquadram temas como a questão do emprego jovem, a ação social, o abandono escolar, o fi-

nanciamento do ensino superior e ainda o aumento das propinas. Ricardo Morgado explica ainda que a intenção é fazer um "paralelismo entre 62 e os dias de hoje". "Na altura vivia-se em ditadura, hoje em democracia, mas há coisas que ainda não mudaram. Vive-se numa democracia que deveria funcionar para que todos os intervenientes da sociedade possam ter uma voz e ajudar na construção de um Portugal melhor, mas a verdade é que a voz dos estudantes ainda não é tida em conta".

O presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Hélder Castro, explica que as comemorações foram pensadas de forma a "perceber o que se passou em 1962 e o que foram as consequências reivindicatórias". O dirigente minhoto explica assim que a comissão tentou encontrar um programa construtivo e diferente do habitual, "que não se limitasse às reivindicações mais óbvias e que tentasse ir mais além". "A comissão organizadora entendeu que algumas das formas de reivindicação já estão um pouco gastas e faria sentido inovar e encontrar uma nova forma de dar peso à voz dos estudantes", afirma.

Expetativas de adesão

Apesar de as comemorações decorrerem a uma sexta e sábado, os dirigentes encontram-se otimistas quanto à adesão dos estudantes às atividades. O presidente da Associação Académica da Universidade de Trás-os-Montes e alto Douro, Sérgio Martinho, no fim-de-semana passado, no ENDA de Évora, afirmou

que "os dirigentes associativos mostraram-se dispostos a participar e a mobilizar os estudantes das respetivas academias para as atividades". O presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, Tiago Alves, corrobora o otimismo, esclarecendo que o "objetivo é que haja uma deslocação para se ir ao Porto e a Coimbra e que as iniciativas não abranjam só estes estudantes, mas das diversas instituições do país que desejem participar". Neste sentido, Ricardo Morgado diz que a AAC vai disponibilizar autocarros para os estudantes que queiram ir sexta-feira ao Porto.

Em Lisboa

Tendo sido a capital palco de parte dos eventos de 62, lá as comemorações não poderiam passar ao lado. Assim, a reitoria da Universidade de Lisboa em conjunto com a comissão de antigos alunos de 62, que costumam assinalar a data todos os anos, relembra a data com uma série de iniciativas. Entre elas, destaca-se a inauguração da exposição "100 dias que abalaram o regime", dedicada à crise de 62 e o lançamento do livro com o mesmo nome. As comemorações terminam com um sarau cultural na Aula Magna da reitoria, onde vai haver um momento de homenagem a José Afonso e a Adriano Correia de Oliveira. Artur Pinto, membro da comissão, justifica o maior leque de iniciativas com a força dos cinquenta anos passados e, também, "porque a própria universidade, os professores e os estudantes atravessam um momento de crise".

INÊS AMADO DA SILVA



A escultura *Cogito*, de Pedro Cabrita Reis, foi erguida em 1992, em memória do Dia do Estudante, em Coimbra.

AGENDA DIA do ESTUDANTE

23 MARÇO

PORTO
20H30 - TERTÚLIA COM EURICO FIGUEIREDO (DIRIGENTE ACADÉMICO DE 62) ALBERTO MARTINS (DIRIGENTE ACADÉMICO DE 69) E DIRIGENTES DA ACTUALIDADE
LOCAL: SALÃO NOBRE DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
ENTRADA LIVRE

24 MARÇO

LISBOA
11H30 - RECEÇÃO

12H00 - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "100 DIAS QUE ABALARAM O REGIME"

12H30 - LANÇAMENTO DO IN-TEIRO POSTAL E DE O MEU SELO. POSSIBILIDADE DO CARIMBO DO DIA NA BANCA MONTADA PELOS CORREIOS

LOCAL: ÁTRIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

13H00 - ALMOÇO/CONVÍVIO
LOCAL: CANTINA VELHA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

17H30 - SARAU CULTURAL: JORGE SILVA MELO (POESIA); CORO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA; CORO INFANTIL DA UNIVERSIDADE DE LISBOA; -TANGO, "LIBERTANGO" - ESTUDANTES DA FACULDADE DE MEDICINA; -ESTUDANTINA UNIVERSITÁRIA DE LISBOA; -GRUPO DE TEATRO UNIVERSIDADE TÉCNICA

HOMENAGEM A: - JOSÉ AFONSO, COM A PARTICIPAÇÃO DE JOÃO AFONSO - ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA, COM O GRUPO JURÍDICO DA GUITARRA E DO CANTO DE COIMBRA

LOCAL: AULA MAGNA

COIMBRA

20H30 - ACTIVIDADE CULTURAL COM GRUPOS ACADÉMICOS DE TODO O PAÍS E CONCERTO DE LUISA SOBRAL

LOCAL: VIA LATINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ENTRADA LIVRE

@ Mais informação em **acabra.net**